



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB  
Centro de Ciências da Saúde - CCS  
Curso de Psicologia

GÉSSICA KARINE ARAÚJO SILVA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATENDIMENTO INFANTIL A PARTIR DA  
GESTALT-TERAPIA**

SANTO ANTÔNIO DE JESUS  
2018

GÉSSICA KARINE ARAÚJO SILVA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATENDIMENTO INFANTIL A PARTIR DA  
GESTALT-TERAPIA**

Relatório Final do Componente Curricular  
Estágio Supervisionado II - Ênfase em Saúde,  
como requisito parcial para conclusão do  
Curso de Graduação em Psicologia, Centro de  
Ciências da Saúde, Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia.

Supervisor: Prof. Dr. Edmar Henrique Dairell  
Davi

SANTO ANTÔNIO DE JESUS  
2018

GÉSSICA KARINEA ARAÚJO SILVA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATENDIMENTO INFANTIL A PARTIR DA  
GESTALT-TERAPIA**

Relatório Final do Componente Curricular  
Estágio Supervisionado II - Ênfase em Saúde,  
como requisito parcial para conclusão do  
Curso de Graduação em Psicologia, Centro de  
Ciências da Saúde, Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia.

Supervisor: Prof. Dr. Edmar Henrique Dairell  
Davi.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Edmar Henrique Dairell Davi (Docente e orientador)  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

---

William Tito Santos Maia (Docente)  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

---

Psicóloga Esp. Francine Bom Conselho Peixoto P. Moura

*“É desafiador escolher uma abordagem que é muito mais ética do que técnica. Com uma metodologia tecida em fios de esperança que não é a da espera passiva, mas a que brota da força de renovação a cada relação.”*

*Luciana Soares*

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>2 CAMPO DE ESTÁGIO</b> .....	6
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	8
3.1 GESTALT-TERAPIA COM CRIANÇAS .....	7
3.2 FUNCIONAMENTO SAUDÁVEL E NÃO SAUDÁVEL .....	10
3.3 PAPEL DA FAMÍLIA .....	11
3.4 DIAGNÓSTICO EM GESTALT-TERAPIA .....	12
<b>4 APRESENTAÇÃO DO CASO</b> .....	15
4.1 DESCRIÇÃO DA DEMANDA.....	15
4.2 CONDIÇÕES DO CAMPO.....	15
4.3 VISITA À ESCOLA E ENTREVISTA COM A PROFESSORA .....	16
<b>5 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS</b> .....	18
<b>6 SÍNTESE DOS ATENDIMENTOS</b> .....	19
<b>7 COMPREENSÃO TEÓRICA DO CASO</b> .....	26
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>9 REFERÊNCIAS</b> .....	33

## 1 INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como objetivo apresentar e discutir um caso clínico fruto do Estágio Supervisionado do curso de Psicologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), sob a supervisão do Prof. Dr. Edmar Henrique Dairell Davi, tendo como ênfase a clínica Gestáltica com crianças. O estágio aqui referido foi realizado no Serviço de Psicologia do Centro de Ciências da Saúde, no período de Junho de 2017 a Março de 2018, com um grupo formado por 8 alunos, sendo a carga horária semanal alternada entre prática e supervisões.

O roteiro a ser percorrido nesse relatório irá passar inicialmente pela apresentação do campo de estágio, indo em direção à exposição do referencial teórico no qual possui breve recorte a respeito da Gestalt-terapia (GT) com crianças e alguns dos seus desdobramentos, ressaltando a importância da visão de homem por ela considerada, o uso de recursos lúdicos e sua perspectiva de desenvolvimento humano; o funcionamento saudável e não saudável e suas implicações; a família e seu papel durante o processo de terapia; bem como o processo diagnóstico realizado em GT, indicando a relevância da relação terapeuta-cliente. Logo a seguir, temos uma apresentação do caso clínico, procedimentos utilizados e uma síntese dos atendimentos realizados durante o processo, seguida da discussão do caso.

Concluo fazendo algumas considerações a respeito do estágio e do caso aqui discutido, refletindo sobre suas possíveis contribuições, desafios, aspectos positivos e negativos, tal como os impactos dessa experiência enquanto estudante e futura profissional.

## **2 CAMPO DE ESTÁGIO**

O Estágio Supervisionado que deu origem a este trabalho foi realizado no Serviço de Psicologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), o qual deu início as suas atividades em 2011, disponibilizando atendimento psicológico gratuito à comunidade de Santo Antônio de Jesus e cidades vizinhas, tendo como prioridade o atendimento de pessoas de baixa renda, independentemente da faixa etária. O mesmo funciona como clínica-escola, realizando atividades através de estágios supervisionados, projetos de pesquisa e extensão, proporcionando aos alunos em formação uma experiência prática em atendimento psicológico de acordo com o planejamento acadêmico vigente.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 GESTALT-TERAPIA COM CRIANÇAS

Ao iniciarmos aqui falando sobre Gestalt-terapia, levamos em consideração a visão holística de homem, na qual este é visto em sua totalidade, ou seja, em seu desenvolvimento biopsicossocial. Assim, é impossível entendê-lo como um ser isolado, mas sim alicerçado na sua relação com os vários ambientes aos quais está inserido, em um constante processo de retroalimentação em que ele transforma e é transformado a partir de suas relações.

Neste sentido, Aguiar (2015) nos afirma ser o homem, mediante essa perspectiva, um ser global, relacional e também contextual, encontrando-se entrelaçado entre vários elementos do campo do qual faz parte, os quais acabam por afetar sua relação consigo e com o outro. É essa visão também que nos servirá de norte no trabalho na clínica infantil, uma vez que a criança traz em seu desenvolvimento um emaranhado desses elementos, sendo influenciada e influenciando na dinâmica dos espaços dos quais está inserida, num constante processo de vir a ser.

Desses ambientes importantes, geralmente a família e a escola, são os principais responsáveis pelas queixas que trazem as crianças à terapia. É sempre um adulto que chega identificando aquilo que a criança possui como comportamentos não ajustáveis, a partir do que é percebido como aceitável ou não na forma como ela tem interagido com o mundo naquele instante. Porém, esses comportamentos que motivam a sua vinda nem sempre aparecem de forma clara no contexto da clínica.

Como elucidada Aguiar (2015, p. 39):

Ao considerarmos que é na relação que a criança se constitui como um ser que existe no mundo, diferente do outro e ao mesmo tempo irremediavelmente ligado a esse outro, não podemos deixar de enfatizar a importância das experiências vividas por ela ao longo do seu desenvolvimento, na construção de sua história de vida e de seus sintomas.

Com isso, ao considerarmos a criança nessa perspectiva, na sua relação imediata com o meio, tem-se em vista que aquilo que se coloca como queixa, ou seja, o que é trazido como disfuncional, é a forma mais satisfatória que ela tem encontrado naquele momento de se relacionar com o todo a sua volta (AGUIAR, 2015). O sintoma é apenas uma parte, a figura que se mostra nessa tentativa da criança de assimilar as suas dificuldades, de adaptar-se a situações do campo, o que nem sempre acontece de maneira funcional, sendo a tendência de



autorregulação, isto é, sua busca contínua por equilíbrio nessa interação com o mundo, estabelecida de maneira pouco satisfatória.

No relacionamento terapêutico, torna-se pertinente uma atitude de comunicação a ser estabelecida com a criança diferente daquela que comumente é utilizada com os adultos, pois estas não costumam refletir sobre os temas que julgam sentir necessidade de compreender (CAMPOS; TOLEDO; FARIA, 2011). Nesse sentido, é na relação terapêutica que se estabelece a possibilidade de ir em direção a um desenvolvimento mais saudável e do reencontro de um contato mais completo com o meio.

Segundo Campos; Toledo; Faria (2011, p. 26):

A criança atribui um significado ao seu mundo diferentemente do adulto. É preciso considerar esse aspecto durante o ouvir. Ouvir a criança é tentar compreender o significado do que diz, estimulando sua espontaneidade e tentando evitar que sejam feitas restrições impostas pelo referencial do adulto.

Assim sendo, não importa a forma como a criança irá se expressar durante o processo de psicoterapia, pois ao entendê-la como um ser em sua totalidade, tudo que ela apresentar na relação terapêutica, mesmo que não esteja diretamente focado nas queixas trazidas pelos responsáveis, estarão relacionados de alguma forma com o sintoma em uma relação figura-fundo. Por isto, não se faz relevante destacar de que maneira a criança irá se comunicar, seja por meio do olhar, da fala, silêncio, do brincar, o psicólogo deverá estar pronto para recebê-la de forma autêntica, na sua singularidade (AGUIAR, 2015).

Os grandes facilitadores nesse processo são os recursos lúdicos, os quais possibilitam o encontro do terapeuta com a criança em seu próprio mundo. Desse modo, as reconfigurações necessárias ao bem-estar e resgate de um funcionamento saudável, podem ser proporcionadas por meio do brincar (RODRIGUES; NUNES, 2010), pois é através dele que a criança se expressa e pode ir, com o auxílio do terapeuta, em direção a um maior entendimento dos seus sentimentos e emoções.

Ademais, Aguiar (2015, p. 158) destaca que:

Para algumas crianças o simples fato de poder brincar em um espaço seguro, permissivo, acolhedor e confirmador com aquilo que ela queira escolher, da forma como o fizer, já é o suficiente para promover as reconfigurações necessárias ao bem-estar e ao resgate de um funcionamento saudável na interação com o mundo.

Em contrapartida, como citado por Oaklander (1980), a criança também pode usar um tipo de brincadeira como meio de resistência a se envolver significativamente com qualquer um dos brinquedos. O terapeuta precisa reconhecer essa tendência e estar pronto para lidar

com ela, promovendo novas formas de interação junto à criança. Ainda segundo a autora, o objetivo principal da psicoterapia infantil é auxiliar em direção a uma tomada de consciência de si e da sua existência, buscando sempre um equilíbrio pelo terapeuta entre orientar a sessão e acompanhar a direção estabelecida pela criança durante o processo.

A atuação em GT nos demanda uma postura de interesse genuína diante da criança, encontrando-a sem julgamentos ou opiniões pré-estabelecidas a partir do referencial do adulto ou de previsões diagnósticas (AGUIAR, 2015). É importante que o psicoterapeuta esteja atento, interessado, presente no aqui e agora da situação, acolhendo a criança em uma atitude de confirmação, pois além dos recursos lúdicos, a possibilidade de uma relação de confiança terapeuta-criança é fundamental para se estabelecer um bom trabalho. Assim sendo, a criança sente-se a vontade para ser criança, se expressar no ambiente e conseqüentemente ir tomando consciência de si mesma e do mundo, ou seja, ampliando sua forma de relacionar-se com esse meio e proporcionando um desenvolvimento saudável em sua totalidade.

Por conseguinte, pensando em desenvolvimento, destacamos como esse é visto a partir de uma perspectiva da GT, ressaltando mais uma vez que esta considera o homem como um ser total e na sua interação com o meio. Assim, não seria possível cogitar uma teoria que fosse dividida em fases ou etapas ao longo do tempo, muito menos separada entre social e orgânico. Como nos mostra Aguiar (2015, p. 49/50), a Gestalt-terapia concebe o “desenvolvimento como um processo singular e infinito, a partir do biológico e do social em permanente interação, num constante diálogo entre todos os elementos do campo”.

Dito isto, consideramos a possibilidade de ser o desenvolvimento um processo contínuo do qual não se coloca a criança em um estágio parado a partir de determinadas faixas etárias, mas sim em um constante vir a ser, vir a “ser-criança”, na medida em que esse é o momento de transição do aqui e agora aberto às diversas possibilidades existenciais (LIZIAS, 2010). A criança não é percebida como um ser imaturo e inacabado, indo em direção a uma fase adulta, em que estará pronta e completa. O desenvolvimento não caminha em sentido a um ponto final, ele é uma sequência de momentos singulares que são completos por si só no momento presente de cada indivíduo (AGUIAR, 2015).

Considera-se assim, a diversidade e singularidade de cada ser-criança, tendo em vista as várias percepções e interações existentes no meio ao qual cada uma delas está inserida (LIZIAS, 2010). É nessa mútua interação que surgem os ajustamentos criativos, numa busca constante do organismo por equilíbrio frente às necessidades da criança, que podem ou não ser atendidas satisfatoriamente, dando origem ao que chamamos de sintomas.

### 3.2 FUNCIONAMENTO SAUDÁVEL E NÃO SAUDÁVEL

Para a GT, o indivíduo na tentativa de autorregular-se em sua interação com o mundo, vai construindo formas diferentes de se relacionar e se configurar com ele a cada instante, buscando alternativas em si mesmo ou no meio para satisfazer as suas necessidades, o que denominamos de ajustamentos criativos, que podem se apresentar de maneiras mais ou menos saudáveis. “O ajustamento criativo é então a capacidade de pessoalizar, subjetivar e se apropriar das experiências que acontecem no encontro com a alteridade, processo contínuo no campo organismo/meio” (CARDELLA, 2014, p. 114).

Segundo Aguiar (2015), o modo como se estabelece a relação criança/mundo a partir do processo de autorregulação, é o que distingue um funcionamento criativo entre saudável ou não saudável. Surgem várias necessidades nessa interação a cada momento, e com o intuito de satisfazê-las, faz-se necessário estabelecer uma ordem hierárquica da mais importante para a menos importante. Para a criança, a necessidade de ser confirmada pelo outro, geralmente o adulto, é sempre privilegiada. Dessa forma, ela precisa estar em consonância com as demais para que aconteça uma fluída satisfação de suas necessidades na interação com o mundo, realizando assim os ajustamentos criativos possíveis a cada situação de modo que sejam considerados satisfatórios.

Caso contrário, com o intuito de atender a essa necessidade de reconhecimento dos ambientes dos quais participa, como a família e a escola, a criança acaba por deixar de lado inúmeras de suas outras necessidades, suprimindo-as ou distorcendo-as. Assim, diante daquilo que é esperado dela, submete-se as expectativas do mundo adulto ou faz exatamente o oposto daquilo que é esperado. De ambas as formas, mesmo que esteja conseguindo atender à sua necessidade mais importante, ao não reconhecer todas as outras, acaba por desenvolver ajustamentos criativos pouco saudáveis. As demais necessidades buscam caminhos alternativos para satisfação, promovendo assim o aparecimento de sintomas (AGUIAR, 2015).

Ainda conforme aponta Antony (2009, p. 358):

A doença significa que a criança interrompeu a sua capacidade de dar respostas criativas a específicas situações conflitivas e as suas necessidades internas. Passou a perceber o outro de forma petrificada, criando padrões de comportamento e interação repetitivos vinculados a uma Gestalt fixada, que enrijece a formação de novas figuras e interrompe o fluxo natural da percepção das necessidades.

Entendemos com isso que diante de demandas repetitivas existentes no meio nessa relação estabelecida com a criança, ela pode passar a comportar-se sempre da mesma maneira,

dar as mesmas respostas. Com isso, os ajustamentos tornam-se também repetitivos, até serem transformados nas únicas possibilidades de contato que ela consegue vislumbrar com o mundo (CARDELLA, 2014). Isso não significa que o ajustamento em si seja um problema, já que ele foi a melhor forma possível que a criança encontrou de lidar com determinada situação do contexto, o desajuste acontece quando ela passa a utilizar o mesmo comportamento inadequadamente em diferentes situações, tornando os comportamentos rígidos e estereotipados.

Essas comunicações existentes na relação organismo/meio se dão através do que é denominado de funções de contato (visão, audição, olfato, tato, fala, linguagem, paladar e movimento) (FRAZÃO, 2015), é por meio delas que se vivencia o contato com o mundo, que é organizada a percepção e se dá significado aos sentimentos. Dependendo da forma como essas funções estejam funcionando será realizado o contato com o meio. O contato será pleno quando as funções estiverem desbloqueadas e empobrecido quando as funções estiverem bloqueadas e distorcidas. Quando não há um contato pleno e genuíno podem ocorrer os chamados ajustamentos evitativos. Um funcionamento não saudável pode se apresentar através de padrões de fixação de ações insatisfatórios, se manifestando por meio de formas repetitivas e rígidas de se contatar com o meio.

### 3.3 PAPEL DA FAMÍLIA

Dada à importância de se considerar o campo e as influências por ele exercidas, podemos destacar o homem sendo visto como um todo na sua relação dentro-fora com o meio que a circunda. Dessa forma, partindo da experiência no trabalho com crianças, consideramos a relevância da sua vivência enquanto membro no contexto familiar, uma vez que este é o primeiro com o qual ela estabelece contato e ao qual é dependente de atenção e cuidados. A família é a principal fonte de confirmação e é importante que ela exerça esse papel.

Para a GT, a família é vista como uma totalidade que se compõe ao mesmo tempo por vários outros todos, em que um depende do outro, influencia e é influenciado. Com isso, a concepção que temos de uma totalidade autorregulada e relacional para o homem, também se aplica ao grupo familiar (AGUIAR, 2015). Assim, criança é modificada e modifica a dinâmica da família, uma vez que indo a procura da autorregulação familiar, os membros a constituem reagem e respondem às necessidades e expectativas de seus membros.

Ademais, reconhecemos as especificidades existentes em cada família e que esta como um sistema localizado em determinado espaço e tempo, também passa por modificações. É

irremediável que ela seja atravessada por inúmeros elementos do seu contexto social, histórico e cultural mais amplo. Da mesma forma, vão com isso acontecendo rearranjos que possibilitam a manutenção do equilíbrio ou o desequilíbrio da mesma, demandando com isso, novas e diferentes reconfigurações.

Existem hoje diferentes tipos e modelos de família, que se distanciam do modelo tradicional nuclear, porém, a partir de uma perspectiva gestáltica, o que confere um caráter saudável não são em si os elementos que as compõem, mas os lugares que são ocupados em sua dinâmica e as funções estabelecidas (AGUIAR, 2015).

Em todo caso, como nos demonstra Silva e Gontijo, (2016, p. 27):

O papel da família para o desenvolvimento infantil é o de confirmação do ser humano em sua individualidade, proporcionando a diferenciação do outro, a independência e a autonomia, porém mantendo a harmonia, a conexão e a união entre os membros da família. Esta seria uma definição de família saudável, respeitando os limites de seus membros e acolhendo e negociando suas diferenças.

Muitas vezes, diante do desequilíbrio na dinâmica familiar, as crianças acabam por ser responsabilizadas, não sendo percebido pelas famílias que este desequilíbrio pode estar relacionado a elas como um todo (SILVA; GONTIJO, 2016). Dessa maneira, em nossa prática clínica intencionamos focalizar na produção de sentido da criança por sua própria experiência, assim como na família que seja capaz de produzir sentidos e significados, intermediando a criança e o contexto no qual estão inseridos (SOARES, 2011).

### 3.4 DIAGNÓSTICO EM GESTALT-TERAPIA

Considerando essas particularidades expostas sobre a Gestalt-terapia, em especial a prática clínica realizada com crianças, podemos refletir que o diagnóstico feito de acordo com essa abordagem se distingue em muito do modelo médico tradicional. Este, muitas vezes, possui determinados procedimentos e etapas pré-estabelecidas, bem como o fato de acontecer anteriormente à intervenção clínica. Dada à visão de homem da Gestalt e da própria dinâmica do seu processo terapêutico, esse modelo torna-se incompatível (FRAZÃO, 2015).

Dessa maneira, após muito tempo negando essa prática diagnóstica por considerá-la como limitante e uma tentativa de classificação do homem, pode-se então vislumbrar a possibilidade de uma noção de diagnóstico condizente com uma linguagem gestáltica e que nos permitisse ter uma melhor compreensão do cliente e das formas como ele se relaciona

com si mesmo e com o mundo, bem como os modos que este desenvolve de se impedir ter uma vida mais satisfatória.

Tendo em vista que o diagnóstico tradicional é identificado como uma estratégia de classificação de uma situação duradoura, o que se configura como alternativa para a Gestalt-terapia estaria mais próximo do conceito dado à avaliação, na medida em que essa busca descrever questões de forma mais fluída e dinâmica, permitindo assim, que mudanças possam acontecer de um momento para outro. Com isso, “um diagnóstico em Gestalt é uma compreensão ou avaliação de todas as maneiras pelas quais o cliente faz sentido do seu mundo e entra em contato com ele” (JOYCE; SILLS, 2016).

A avaliação além de acontecer nos primeiros atendimentos, proporcionando ter um panorama geral a respeito do cliente, também permanece sendo atualizada ao longo de todo o percurso desenvolvido na relação terapeuta-cliente. Assim sendo, pensamos a partir dessa perspectiva em uma compreensão diagnóstica que seja processual. Como corrobora Frazão (2015), em GT, pensar diagnosticamente solicita do psicoterapeuta uma postura de investigação tanto inicial, como durante todo o processo psicoterapêutico, aliando investigação e tratamento constantemente. Ele deve considerar o crescimento do cliente e todas as mudanças que acontecerem. Não se referindo assim ao que o cliente é, mas a como ele está a cada momento.

Segundo Aguiar (2015), realizar um diagnóstico em GT é perceber o homem em seu permanente processo de desenvolvimento, o qual é marcado pelas inúmeras relações que este estabelece com os elementos do meio, permitindo com isso identificar os elementos envolvidos em determinada situação e a partir de então construir novas formas de interação com o mundo que não sejam hierarquicamente estabelecidas.

Para Frazão (2015, p. 85):

No campo da psicoterapia, o diagnóstico deve ser entendido como a descrição e compreensão de cada cliente em sua singularidade existencial, ou seja, é preciso compreender o que cada sintoma e queixa significam no contexto específico em que surgiram e no conjunto da vida da pessoa, bem como a que propósito serviram.

Em vista disso, com o intuito de encontrar o sentido da patologia e das vivências relacionais subjetivas da criança em sofrimento emocional, o terapeuta ao diagnosticar deve ir além da identificação dos sintomas (ANTONY, 2010). Logo, em busca de maiores informações a respeito da criança, o psicoterapeuta inicia um processo de investigação mediante entrevista com os pais ou possíveis responsáveis, visitas à escola e a casa, aulas de dança, entre outros ambientes a ela referentes. Podemos destacar com isso, a relevância da

relação estabelecida entre terapeuta e criança, com a família ou outros adultos responsáveis que possam estar envolvidos.

Além disso, na interação terapeuta/cliente, o estabelecimento de uma boa relação é que servirá de apoio para a condução do processo de psicoterapia. Por conseguinte, considera-se a criação de vínculo condição essencial, uma vez que este é a base criada que nos servirá de suporte para que possíveis intervenções possam ser feitas e para que estas sejam efetivamente significativas e transformadoras. O outro precisa sentir-se acolhido, respeitado em suas especificidades e, principalmente, em suas possibilidades (AGUIAR, 2015). O que se oferece nesse sentido é uma relação dialógica, ou seja, o terapeuta se faz presente, compreendendo, validando e se portando com autenticidade diante de seu cliente (JOYCE; SILLS, 2016).

Como nos mostra Antony (2010, p.80):

Na terapia de base dialógica, a relação terapêutica é a pedra angular sobre a qual o terapeuta se ancora para a resolução dos conflitos psicológicos vividos pela criança. A atitude dialógica requer que o terapeuta esteja totalmente presente ao encontro, aberto ao contato de forma cuidadosa e respeitosa com a individualidade da criança e dos pais, intencionando uma relação horizontal de pessoa a pessoa, na qual não há exercício de poder nem imposição do seu saber sobre a percepção interna e externa da criança.

Mediante essa perspectiva, o terapeuta estabelece um compromisso com o diálogo, em possibilidade de um encontro autêntico e interesse genuíno pelo outro que se apresenta.

## 4 APRESENTAÇÃO DO CASO

O relato desenvolvido nesse trabalho refere-se ao acompanhamento de Sol<sup>1</sup>, 5 anos, branca, cursando o II ano da educação infantil de um colégio particular da cidade de Santo Antônio de Jesus. Chegou ao Serviço de Psicologia por meio da mãe, Fernanda, que já havia sido atendida anteriormente de forma mais pontual pelo Plantão Psicológico. O período de investigação se deu de Julho a Setembro de 2017, fazendo um total de 09 sessões. Sol já havia sido atendida por outras estagiárias durante três semanas de forma mais pontual, e este atendimento teve continuidade no estágio supervisionado. Foi relatado pela mãe como queixa que a criança estava apresentando comportamento irritadiço e agressividade. E para a mãe, esse comportamento estaria relacionado às brigas frequentes entre ela e o esposo.

### 4.1 DESCRIÇÃO DA DEMANDA

Nas palavras de Fernanda, Sol é uma criança bastante agitada, impulsiva e quer que as coisas sejam sempre do seu jeito, reagindo com agressividade quando contrariada. Isso na escola ou em qualquer outra atividade ou momento de brincadeira em que esteja inserida. Sempre que é provocada ou irritada, age com impulsividade. As brincadeiras em casa ou nos outros lugares de convívio com outras crianças funcionam bem, até certo ponto, no momento em que ela não consegue dominar ou ter controle sobre o outro ou da situação, reage brigando, batendo ou chamando atenção de alguma outra forma. Em casa, antes de ir à escola ou nos momentos de fazer as atividades, é constante o choro e a birra, ficando agitada e por vezes chegando atrasada. A mãe tenta manter-se calma, falando sempre do compromisso do horário, que tem que ir para escola.

Ficou claro nesse primeiro encontro, que a mãe estava solicitando a psicoterapia com a esperança de que esta pudesse ajudar na melhora desse comportamento mais impulsivo e até agressivo de sua filha, principalmente por este já ter sido, algumas vezes, motivo de queixa por parte da professora da escola. Sol, além de responder à professora, também já havia batido em alguns colegas, chegando a morder alguns deles.

### 4.2 CONDIÇÕES DO CAMPO

Sol vive com os pais, ambos atualmente desempregados, sendo este o motivo da recente mudança de endereço para um condomínio com um valor mais acessível. Outra

---

<sup>1</sup> Os nomes das pessoas foram alterados para manter a privacidade e garantir o sigilo das informações.



consequência disso é o fato do pai estar passando mais tempo em casa cuidando da filha, já que Fernanda faz faculdade e no momento também estava estudando para concurso na área do Direito. Mesmo assim, ela quem ainda estabelecia toda a rotina de Sol, acordando e arrumando-a para a escola, preparando a alimentação e nos momentos de fazer as atividades escolares, momentos em que parece ter uma postura bastante diretiva e autoritária com relação aos horários e o que deve ser feito, ao contrário do esposo que se mantém mais distante.

Fernanda diz que o marido é um pouco mais parecido com a filha, se mostrando mais agitado, explosivo e um pouco agressivo nos momentos em que é confrontado ou questionado. Nos últimos meses a relação dos dois tem sido mais estável. Fernanda apontou como um dos motivos o maior diálogo, o fato do marido não estar bebendo tanto quanto antes e estar também frequentando a igreja. Porém, as discussões ocorriam constantemente e em várias ocasiões Sol presenciou os conflitos entre eles, chegando a perguntar para mãe se iriam se separar ou se ela iria encontrar outro marido.

Além disso, o pai de Sol tem duas outras filhas mais velhas de um relacionamento anterior, as quais costumam frequentar a casa da família nos finais de semana. Fernanda relata que elas possuem uma boa relação com Sol, mas, por esta ser mais nova as brincadeiras não duram muito tempo, bem como por esta querer que as coisas sejam sempre do seu jeito. Outro ambiente de interação da criança é a casa da avó paterna, a qual mora na cidade com seu esposo e uma das filhas. Exceto os momentos em que encontra um dos primos que tem mais ou menos a sua idade e podendo brincar, esse lugar não agrada muito a menina, que relata não gostar de ficar lá.

Em contrapartida, a avó materna se destaca como uma figura mais próxima e querida pela neta. Fernanda relata ter deixado a filha nos primeiros meses de vida sob os cuidados de sua mãe, sendo esse também um dos motivos delas terem uma relação afetiva um pouco melhor. Antes da gestação, que não foi planejada, Fernanda tinha um emprego estável e qualificado em Salvador, do qual, após algum tempo, precisou abrir mão, mudando-se para Santo Antônio de Jesus para viver com o marido e cuidar da filha.

#### 4.3 VISITA À ESCOLA E ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Na primeira visita à escola não consegui conversar com a professora, tendo apenas conhecido um pouco do lugar e então marcando para que nosso encontro acontecesse em outro dia e no horário que teria disponível para realizar as atividades extracurriculares. Assim,

no dia e horário combinados fui novamente à escola. Ao me encontrar a professora parecia um pouco curiosa para saber sobre o que poderia ser falado a respeito de Sol durante a conversa. A professora comentou que Sol no início do ano letivo era bem agitada e não gostava de fazer as coisas, mas que após uns dois meses ela foi melhorando. Já haviam acontecido situações em que brigou e mordeu ou beliscou os coleguinhas, mas agora isso não acontecia com tanta frequência.

Disse que ela é muito inteligente e esperta, faz as atividades, mas tem um pouco de dificuldade de leitura. Comentou que na sala Sol sempre se negava a ler durante as aulas quando fosse demandada, mas agora estava cooperando com a leitura. Comentou ter percebido uma melhora nas últimas duas semanas, como se em casa ela estivesse sendo um pouco mais acompanhada pela mãe na hora das atividades, ressaltando a importância dos pais ajudarem também nesse processo de aprendizado.

A professora falou que às vezes Sol age como adulta, tem resposta para as coisas como se visse adultos conversando e por isso repete do mesmo jeito, querendo que as coisas sejam no jeito dela. Ainda assim, ressalta que Sol “é ótima e bastante carinhosa”. Perguntei com relação aos colegas, como é sua relação com eles e a professora disse que ela se dava bem com os colegas, que é “amiguetira”, que brinca e aproveita bastante, relato este que se diferencia do que é dito por Sol quando esta se refere ao relacionamento com as outras crianças nos atendimentos.

## **5 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS**

Foram utilizados durante o processo de investigação entrevistas semi-estruturadas com a mãe da criança e anamnese, pois, primeiro tínhamos o intuito de saber o que a motivou procurar a psicoterapia para sua filha, qual a demanda a respeito da criança, bem como suas expectativas em relação ao processo psicoterapêutico. Assim, tendo em vista que aquilo que é trazido emerge de um contexto bem mais amplo, buscamos também informações da dinâmica familiar, como essa família está organizada, suas atividades, qual o papel de cada membro.

Além disso, levando em consideração outro ambiente de interação da criança, foram feitas também duas visitas à escola e entrevista semi-estruturada com a professora responsável. Durante as sessões, estavam presentes sempre o uso de brincadeiras, como de casinha com o auxílio da família terapêutica, o uso de massinha de modelar, futebol de botão, teatrinho de fantoches, pular corda, boliche e pintura, entre outras.

## 6 SÍNTESE DOS ATENDIMENTOS

As primeiras sessões ocorreram inteiramente livres, tendo em vista que o principal objetivo nesses momentos era conhecer a criança e trabalhar na criação de vínculo. No primeiro encontro, como já conhecia o Serviço de Psicologia, Sol, apesar de se mostrar tímida com a minha presença, já parecia familiarizada com o ambiente. Ao entrar na sala logo sentou na poltrona e perguntou: “*tia, nós vamos conversar ou brincar?*”. Então, foi-lhe respondido que ela poderia escolher o que fazer: conversar, brincar ou os dois ao mesmo tempo. Ela sorriu e escolheu brincar. Voltei a me apresentar para ela, colocamos os tatames e fomos para o armário escolher os brinquedos, espalhando-os pelo chão. Pegou a damas, mas não ficou muito tempo com elas, preferindo brincar na casinha de boneca com a qual ficou entretida até o final da sessão.

A brincadeira demonstrava exatamente o dia-a-dia de uma família, sua rotina de café da manhã, escola, almoço, brincar ou usar o celular e dormir. Enquanto isso os brinquedos que estavam espalhados iam sendo usados para decorar a casa, servindo de móveis. Sol conversava o tempo todo, dizia o que estava fazendo, pedia ajuda e solicitava minha participação em alguns momentos durante a brincadeira.

Em um momento, enquanto estava sentada no tatame, perguntou se sua mãe já havia contado o que ela fez, então questionei o que ela tinha feito, mas desviou o olhar e disse estar com vergonha. Porém, novamente durante a brincadeira, ela parou e falou que batia e mordia os colegas, mas que não sabia por que fazia aquilo. Se a pirraçavam, ela reagia batendo. Assim, perguntei por que não tentava conversar com seus colegas, ao que ela respondeu dizendo que isso não resolvia. Depois, questionou se mesmo assim poderia continuar vindo à terapia, falei que sim.

Durante todo o período de brincadeira, Sol parecia estar se divertindo, explorava todo o espaço da sala e os brinquedos que estavam disponíveis, mesmo que o foco a maior parte da sessão tenha sido a casinha de bonecas. Não pareceu se incomodar com a minha presença, ao contrário, chamava e pedia para que participasse junto com ela do que estava fazendo, sendo ela a condutora do que acontecia e deveria ser feito com os bonecos. Ao falar sobre a possível queixa da mãe sobre seu comportamento e o que tinha feito com os colegas, porém, ela abaixava a cabeça e desviava o olhar.

Na segunda sessão já chegou bem menos tímida, vindo em minha direção e me puxando pela mão até a sala após dar um abraço e se despedir da mãe que ficara esperando na recepção. Entramos na sala e fomos para o tatame onde havia papéis, lápis e massinha de

modelar aguardando para serem usados. Assim, Sol sentou e começou a desenhar dizendo que teríamos que adivinhar o que cada uma faria no papel. Ela fez um monstro, e eu, uma ovelha. Tentou também escrever algumas letras, mas logo desistiu.

Ainda sentada, enquanto abria a caixa de papelão da massinha, percebeu que a tampa estava atrapalhando, tentou dobrar, mas, ao não conseguir, resolveu rasgar e começou a puxar a tampa. Fiquei observando ao mesmo tempo em que continuava misturando as cores, sem falar nada, então ela olhou para mim e perguntou: “*não vai brigar comigo?*”. Respondi que não, tínhamos duas caixas, ela poderia rasgar aquela e guardar o que sobrasse na outra. Não consegui rasgar e também não demorou muito até lembrar-se de um brinquedo que tinha visto em outra sala e ir em direção à porta para pegá-lo. Disse que era um escorregador, queria brincar com a Barbie nele.

Após explicar que outras pessoas também usavam o escorregador e as outras salas, assim teria que esperar até o próximo encontro para usá-lo, foi em direção à casa de bonecas. A dinâmica da brincadeira era a mesma da sessão anterior: o dia-a-dia da família, pegando outros brinquedos no armário para servir de móveis. Porém, dessa vez ficou um pouco mais calada e concentrada no que estava fazendo. Colocou todos na cozinha e na simulação de queda da cadeira de um dos bonecos na hora do jantar, soltou um palavrão. No mesmo instante parou e comentou: “*Ah, minha mãe não deixa eu falar isso. Fala pra mim!*”. Respondi que se ela não podia falar, eu também não falaria.

No terceiro encontro, como combinado, o escorregador estava lá, bem como a família terapêutica. Sol brincou com eles um pouco, mas em seguida lembrou-se do futebol de botão que estava na recepção e saiu correndo para pegá-lo. Na volta, antes de começar a jogar, foi acordado que não poderia mais sair da sala sem avisar. Ela, animada com o jogo, foi espalhando as peças pelo chão, colocou os bonecos da família terapêutica como espectadores e começamos a brincadeira. Foram várias partidas até o final da sessão, em cada uma delas surgiam novas regras, que a favoreciam, mas também permitiam que eu ganhasse algumas vezes.

Na hora de arrumar as coisas e ir embora, mesmo com o acordo, Sol pegou a caixa do brinquedo e saiu correndo novamente para devolvê-lo. Então, mais uma vez foi mencionado sobre não sair sem pedir. Dessa vez, fui um pouco mais séria, então perguntou se eu estava com raiva, pois estava fazendo “*olho de raiva*”. Respondi que não, sorri, então confirmamos o acordo e saímos.

Ao chegar à sala nessas primeiras semanas, Sol logo mencionava que sua mãe tinha pedido para que contasse o que havia feito de errado. Porém, sempre após dizer isso, ela não continuava a conversa, e se questionada a respeito de sua casa ou escola, apenas desviava o olhar ou ia em direção aos brinquedos e mudava de assunto. Além disso, ao sair da sala, Fernanda aproveitava para me perguntar como havia sido a sessão com sua filha, chegando a comentar que Sol não contava para ela o que fazia na terapia. Nos outros momentos, Sol se mostrava à vontade para pegar o que queria e explorar o ambiente, começando várias atividades, no entanto, passando pouco tempo em cada uma delas. Perguntava também, ao longo das sessões, quantos minutos ainda restavam.

A quarta sessão foi em uma sala diferente da que estava acostumada, porém, isso não a incomodou e, conforme percebi, ela parecia estar também menos agitada dessa vez. Além disso, permaneceu mais tempo em uma mesma atividade, ficando sentada no tatame enquanto pintava e comentava sobre as cores e os personagens no papel. No entanto, ao perceber que já havia ficado bastante ali, resolveu explorar outras coisas, estando preocupada com o horário de ir embora. Assim, Sol, que tinha feito questão de abrir sozinha todos os potes de tinta, ao ir em direção ao brinquedo, disse que eu ficaria responsável por fechá-las.

Ela ficou por alguns minutos brincando com o escorregador e a família terapêutica, todos estavam animados em um parque de diversão. E como anteriormente, após se passar poucos minutos, foi procurar outra coisa para fazer no armário da sala. Olhou algumas caixas e encontrou um jogo para adivinhar a sequência de cores, com o qual ficamos brincando até o final do encontro.

Na outra semana, quando chegou ao Serviço, encontrou uma de suas colegas da escola brincando na recepção, indo se juntar a ela por alguns minutos. Quando a chamei, Sol se despediu da amiga, mas logo ao entrar na sala perguntou se poderia convidá-la também, pois seria legal ter outra pessoa na terapia. Mencionei que naquele momento sua colega não podia participar, mas tínhamos a possibilidade de chamar sua mãe, Fernanda, para brincar conosco, sugestão a qual ela respondeu prontamente: *“Deus me livre!”*.

Durante a sessão foi proposto pular corda e jogar boliche, atividades dinâmicas para movimentar mais o corpo, ficou pouco nas duas, indo sempre em procura de outra coisa para fazer. Então jogamos damas, batalha naval e Uno, jogos que mesmo não sabendo ou pedindo que fossem lidas as regras, ela acabava criando novos modos de uso bem mais criativos. Quando estava próximo de terminar nosso tempo, Sol encontrou alguns *post-its* coloridos, começou a desenhar em um deles e depois colou na casinha de bonecas. A partir daí pediu

para eu que escrevesse o nome dela e dos cômodos nos papéis, os quais ela ia pegando e colando nas paredes da casa.

No sexto encontro, Sol entrou na sala, perguntou o que íamos fazer e comentou novamente comigo o pedido de sua mãe para me contar que estava respondendo em casa, mas dessa vez também não continuou o assunto, desviando o olhar e indo em direção à poltrona. Então coloquei um papel metro no chão, pedi para se deitar e fiz o seu contorno. Ela deu bastante risada e disse estar com vergonha. Quando terminei, ela levantou e pedi para que desenhasse a roupa e o rosto, mas ela não quis, preferindo abrir de uma só vez todos os potes de tinta e começar a pintar. Ficamos bastante tempo nessa atividade, demonstrando gostar de usar as tintas, mas indo logo limpar ou lavar as mãos quando se melava.

Começou pintando uma blusa laranja, depois misturou algumas cores e deu o nome do desenho de Júlia. Enquanto pintava, questionei como tinha sido a semana, perguntei sobre a escola, se tinha brincado bastante. Sol ainda olhando para o papel respondeu que não gostava muito de lá, que tinha brincado, mas que a coleguinha que ela encontrou na recepção na semana anterior não brincava com ela na escola. Ela não entendia porque no Serviço a menina falou e quis brincar, mas que na escola não fazia isso. Disse que algumas colegas não gostavam dela.

Voltando a ficar animada após acabar de falar, ela parou de pintar a blusa e fez um rosto no desenho, só os olhos e a boca. Levantou e foi lavar os pincéis, pois estávamos em uma sala com pia, então voltou e pediu para que eu pintasse seu pé. Respondi que não podia, ela pediu para eu fazer só o contorno com tinta e eu fiz, mas ela queria se pintar e tive que explicar que podia fazer, mas caso deixássemos cair tinta no chão, teríamos que usar um pouco do tempo da sessão limpando, já que outras pessoas usariam a sala depois de nós. Ela parou, pensou e desistiu, passando tinta apenas nas mãos e depois indo lavá-las.

Levamos o papel metro para um canto da sala e Sol viu o teatrinho de madeira encostado na parede. Pegou e levou para o meio do espaço, pediu para que eu colocasse os tapetes, pois iria fazer uma peça. Nesse momento, sentei no chão e fiquei de espectadora e ajudante. Ela moveu o teatro de um lado a outro, tentando arrumar o lugar, dizendo que estava organizando. Peguei os fantoches e mostrei a ela, coloquei no tapete e ela foi me pedindo para entregar um por um, dizendo qual personagem eles seriam em sua peça da Branca de Neve. Os fantoches que sobraram ficaram sentados no lugar do público. Passou o que restava do tempo pegando papéis, canetas e coisas que achava pela sala dizendo que era parte do cenário, mas não dando sequência de verdade a uma história.

O sétimo encontro foi em uma sala de supervisão, a qual havia preparado para que usássemos a argila, bem como outras opções de atividades que demandariam um espaço maior, como boliche, amarelinha e corda. Ao entrar na sala eu troquei sua blusa, pois a mãe tinha trazido uma extra, caso fosse se sujar, e coloquei o avental. Sentamos no chão, separei um pedaço de argila e entreguei a ela, mas depois de molhar e manusear um pouco, comentou que havia achado aquilo nojento e preferiu lavar as mãos e fazer outra coisa.

Levantamos e ela foi explorar a sala procurando algo para fazer, encontrou o boliche, nós arrumamos e jogou a bola algumas vezes derrubando os pinos. Viu o computador e quis usar, então sentou na cadeira e tentou ligar, mas este ficava como se estivesse carregando por alguns minutos e não funcionava. Ela levantou, jogou boliche novamente, riscou o contorno da mão com piloto no quadro da sala e voltou para mesa do computador. Como ele não ligava e não tendo se interessado por nenhuma das outras atividades que estavam disponíveis, pediu papel e eu entreguei com os pincéis e as tintas. Ela começou a pintar, espalhando tinta no papel, cola e brilho. Usava o pincel e sempre se abaixava no chão para lavar e depois usar novamente. Depois de já ter sujado o papel quase todo ela começou a pegar as tintas e jogar no vaso para vê-las se espalhando na água.

Nesse dia me disse que eu era sua ajudante, então ficava me pedindo para pegar as coisas enquanto pintava ou colava desenhos no papel. Ao terminar o tempo fomos até o banheiro lavar as mãos, voltamos para a sala, tirei o avental e troquei novamente sua blusa. Ela pegou o piloto e riscou mais uma vez no quadro, depois saímos da sala. Ela estava incomodada com o resto de tinta que havia ficado nas unhas e voltou para o banheiro tentando limpar.

Na semana do oitavo encontro, Sol não apareceu e a sessão teve de ser remarçada. Na nova data, chegou pela primeira vez sendo trazida pelo pai. Ela me encontrou indo logo segurar minha mão e fomos juntas para a sala. Eu havia levado um quebra-cabeça para pintarmos e montarmos, mas ela disse que não era boa e mesmo sendo oferecida ajuda, resolveu não fazer. Então, sentamos à mesa e ela viu uns brinquedos de cozinha que havia levado, pegamos e começamos a brincar. Foram usadas massinhas de modelar para fazer as comidas que ela dizia gostar, macarrão com almôndegas e suco de goiaba. Durante esse tempo conversamos sobre algumas coisas, disse que seria legal se tivesse mais alguém para brincar conosco e então comentei novamente que poderia trazer sua mãe ou seu pai durante a sessão. Ela negou fortemente: *“Deus me livre, Deus me livre!”*. Questionei como era em casa, se as duas brincavam juntas, sendo respondido que não, pois sua mãe não era mais criança.



Enquanto ainda brincávamos na mesa, comentou que tinha ficado de castigo do celular, não podia usá-lo por alguns dias, perguntei o motivo e ela hesitou em falar. Depois disse que estava fazendo a tarefa com sua mãe, mas não estava conseguindo entender as letras e por isso sua mãe lhe bateu. Voltou de novo sua atenção para a massinha. Viu um brinquedo com letras de madeira que fica em cima da mesa e perguntou: “*e essas letras aqui?*”, mostrei a ela e disse para formar seu nome, que eu ajudaria, ela falou as duas primeiras letras e desistiu.

Após já ter pulado corda um pouco e tentar jogar batalha naval, foi para a casinha de bonecas, ela organizava as coisas enquanto eu ficava da mesa olhando. A tarefa que me deu dessa vez foi fazer comida e coisas com massinha de modelar pra ela usar na casa. Na vida da família de bonecos, era um dia de sábado e dessa vez ela movia mais o pai de brinquedo, a quem a filha chamava e perguntava as coisas. Pediu para brincar no parque, mas antes todos foram para mesa e serviu o almoço, depois de comer, o pai foi descansar na cama e a mãe foi para a sala ver televisão.

A nona sessão foi a última e mais uma vez na data determinada, Sol não compareceu e tivemos que remarcar. Ao me ver na recepção se despediu da mãe e veio comigo para a sala. Sentou na poltrona, então aproveitando esse movimento dela, também sentei e perguntei se queria conversar, questionei como havia sido a semana, se tinha algo de novo já que ficamos novamente sem nos encontrar. Sol não quis me responder, evitando conversar e indo em direção ao armário de brinquedos. Pegou uma caixa grande com peças de montar e se sentou no chão, me sentei também e fui junto com ela tirando as peças e tentando montar. Achando que aquilo não era tão legal, ela levantou e começou a tirar vários brinquedos de dentro do armário.

Encontrou alguns lápis de cor, comentei que tinha levado papel e então abaixamos os tatames e colocamos as coisas em cima, mesmo assim, ela voltou ao armário, pegando brinquedos e colocando no chão dizendo que iria tentar brincar com todos até o final da sessão. Depois de já ter espalhado várias coisas, sentou no tatame e começou a desenhar. Ela fez o desenho de uma boneca, mas não gostou e amassou a folha, solicitando ajuda para fazer outro.

Quando terminou de pintar, Sol quis usar uma linha colorida que eu havia levado, espalhava cola no desenho e pedia para que eu cortasse a lâ. A mistura de cola no papel começou a incomodar, disse que estava ficando nojenta, então ela colocava cola no papel e

depois limpava o excesso com um pedaço de folha. Colou ainda algumas miçangas e quando terminou pediu para eu guardar o desenho em casa.

Em um momento em que estávamos ainda sentadas, Sol levantou o vestido deixando mostrar a calcinha, depois pediu para que eu não falasse aquilo para a mãe dela, pois ela iria matá-la. Explicou que não matar de verdade, mas que iria apanhar e ficar de castigo sem usar o celular. Continuou brincando sentada por algum tempo e depois voltou a pegar os brinquedos que havia espalhado levando para o tatame na tentativa de ver todos antes de ir embora. No final da sessão, para não ter que ajudar a guardar os brinquedos, Sol sentou na cadeira dizendo que era prefeita da cidade.

Esses três últimos encontros foram em semanas alternadas. Quando faltava, ela sempre chegava para sessão um pouco mais agitada, querendo brincar com o máximo de brinquedos que conseguisse. Quando saímos da sala na nona sessão, sua mãe aproveitou para conversar um pouco comigo enquanto Sol lavava as mãos no banheiro. Disse que a criança tinha “regredido”, que estava brigando na escola e tinha batido em um dos coleguinhas. Assim, resolvi marcar uma conversa com Fernanda para que contasse sobre o que estava acontecendo e com o intuito de obter algumas informações sobre a família e como estava a dinâmica da mesma nos últimos tempos, tendo em vista as constantes faltas que vinham acontecendo. Após a nona sessão ela não voltou mais, não sendo justificado pela família o motivo de rompimento do processo psicoterapêutico.

## 7 COMPREENSÃO TEÓRICA DO CASO

Na primeira entrevista, bem como nas outras nas quais foi solicitada a presença dos responsáveis, a mãe, Fernanda compareceu não sendo possível conversar com o pai em nenhum outro momento para colher informações ou conhecer seu ponto de vista sobre a situação da filha. No primeiro momento com a mãe, foi possível oferecer um espaço de acolhimento e escuta da demanda motivadora do pedido de psicoterapia. Como descrito por Aguiar (2015, p. 99), “a tarefa inicial de todo psicoterapeuta infantil é exatamente verificar cuidadosamente que demanda é essa, ou seja, que pedido está sendo feito a nós por um adulto em nome da criança.” Assim, se construiu um espaço de escuta e início de uma relação terapêutica. Ademais, além de receber Fernanda, passei também a conhecer um pouco sobre Sol a partir do olhar da sua mãe, tal como o motivo desta ter sentido a necessidade de trazê-la à terapia.

Durante a entrevista, Fernanda relatou alguns acontecimentos ocorridos na família, como o fato de estarem, ela e o marido, desempregados e a recente mudança de casa. Falou sobre a rotina um pouco corrida, na tentativa de conciliar as tarefas domésticas, os estudos e os cuidados da filha, mesmo que por estar passando mais tempo em casa seu esposo ficasse com Sol no período da tarde. Sobre a filha, comentou a respeito das queixas recebidas da professora quanto ao seu comportamento na escola, pois além de responder e se recusar a fazer algumas atividades, Sol também tinha batido e mordido alguns dos seus colegas. Assim, após conversarmos e decidirmos o melhor horário para os atendimentos, o primeiro encontro com Sol foi marcado.

Preparei-me então para encontrá-la, pois na expectativa do primeiro atendimento do estágio, confesso ter ficado um pouco ansiosa. Chegando o dia, ao me encontrar na recepção, ela demonstrou-se tímida e em uma atitude um tanto receosa, pois esta, mesmo já conhecendo o serviço, também não sabia o que iria acontecer. Assim, entrando na sala, após me questionar sobre o que faríamos e ter como resposta que a escolha do que aconteceria era dela – conversar, brincar ou os dois ao mesmo tempo –, logo mudou de postura, sorrindo e indo em direção ao que realmente estava com vontade de fazer naquele momento: brincar.

Contudo, no desenrolar da brincadeira, enquanto trocava os móveis de lugar na casinha de bonecas, Sol então comenta sobre o que talvez tenha sido usado como justificativa para sua vinda à psicoterapia, questiona sobre a possível queixa feita por sua mãe sobre seu comportamento. Dessa forma, mesmo receosa, ela menciona a respeito do que havia acontecido na escola, confessando ter batido em um dos seus colegas e logo se justificando

dizendo que não sabia o motivo de fazer àquilo. Sua preocupação era se ainda poderia continuar vindo à terapia, ao ser respondido que sim, voltou a brincar.

Esse mesmo movimento continuou se repetindo em outras sessões. Ao chegar à sala Sol começava a falar sobre o que teria feito durante a semana, que sua mãe havia pedido para ela me contar sobre seu comportamento. Nesses momentos, Sol se encolhia, desviava o olhar, encostava-se à poltrona ou em algum outro móvel que estivesse por perto. Ela apenas iniciava a conversa e na medida em que eu tentava saber um pouco mais, recuava. Sua atenção era logo desviada para outra coisa, ela queria aproveitar o espaço, os jogos, e eu não insistia no assunto que tanto a incomodava. Como nos aponta Aguiar (2015), as crianças são trazidas à psicoterapia muitas vezes por apresentarem algum comportamento que tem incomodado ou chamado à atenção dos adultos de alguma maneira, assim, elas provavelmente já devem ter sido questionadas ou punidas quanto ao assunto, não sendo estranho caso elas não queiram durante a sessão conversar a respeito.

Fernanda, além de orientar para que a filha me relatasse sobre suas “travessuras”, também passou a me questionar sempre ao final das sessões, como é que elas haviam sido. Diante disso, após os primeiros encontros, convidei-a para conversar. Esclareci sobre o que tínhamos feito até o momento, do uso de recursos lúdicos durante as sessões, da importância desse período inicial no qual nós estávamos ainda desenvolvendo uma relação de confiança. Como mencionado na descrição da demanda, era evidente em Fernanda as expectativas com relação à terapia e a possível mudança de comportamento da filha. Os adultos muitas vezes trazem consigo expectativas que não podem ser satisfeitas, demandando do psicoterapeuta soluções mágicas e rápidas ou que tenhamos respostas para todas as suas perguntas. Eles desejam que transformemos seus filhos em crianças perfeitas (AGUIAR, 2015).

Além disso, Sol não contava para sua mãe sobre o que acontecia durante as sessões, o que aumentava a ansiedade da mesma sobre o que poderia estar sendo feito, resultando nos constantes questionamentos ao final dos encontros. Porém, a criança entendia aquele espaço como seu, era um lugar no qual poderia ser criança e aproveitar da maneira que quisesse. Era Sol quem guiava o que acontecia, pois ali ela sentia-se à vontade para explorar e brincar. Essa realidade à parte não condizia com o que era esperado dela, não combinava com as expectativas impostas pelo mundo adulto, sendo assim protegido como seu.

Da mesma forma, podemos aqui destacar o espaço e a própria relação terapeuta-cliente como um campo do qual ela faz parte naquele momento. O terapeuta trabalha com o que é colocado pela criança durante a sessão, o que nem sempre está diretamente relacionado à

queixa ou sintoma que a trouxe até ali. Trabalhamos com o que aparece como figura, tendo como fundo, todos os outros elementos dos ambientes dos quais ela se relaciona.

Com isso, apesar de haver uma separação feita por Sol entre o contexto da terapia e a relação familiar, geralmente não comentando de forma direta sobre seu comportamento nos outros ambientes, mostrava-se a maior parte do tempo durante as sessões bem decidida e diretiva, dando ordens, usando bastante energia para explorar o espaço e os brinquedos disponíveis. Ela não conseguia se concentrar por muito tempo naquilo que se engajava a fazer, mudando de uma atividade para outra em pouco tempo.

Conforme destacado por Lizias (2010, p. 74):

A Gestalt-terapia considera a criança como um sujeito cheio de campo. A forma como ela se comporta na sala revela muito desse campo. Como se trata de um campo holístico, a conversa com os responsáveis é uma tônica fundamental no trabalho com crianças. O campo dela inclui o terapeuta e todos os ambientes relacionais em que está inserida (escola, vizinhança, parentes, família, clube, igreja, amigos, academia etc.). A forma como a criança vive os ajustamentos criativos na sala de terapia reflete o modo como vivencia o contato em outros campos.

Ao explorar as fronteiras de contato da criança, o terapeuta deve ser criterioso e cuidadoso para não ultrapassar ou violar os limites já construídos nos relacionamentos. Oaklander (1980) também salienta sobre a fragilidade da fronteira de contato durante a infância, uma vez que as funções cognitivas ainda estão se desenvolvendo. Assim, corre-se o risco de a criança introjetar visões negativas dela mesma, as quais podem levá-la a ter uma autoestima baixa, tornando-se difícil seu contato com o mundo e restringindo a forma de se relacionar com os outros. Neste caso, Sol repetia nas sessões os padrões de relacionamento familiares: ela mandava, me tratava como ajudante. Isso me remetia à postura da mãe que afirmava que batia, inclusive quando Sol não se comportava nos momentos de fazer as atividades escolares e brigava com ela quando não tomava café da manhã, comia feijão, dentre outras questões.

A maneira como Sol se expressava durante os encontros e por meio das brincadeiras, possibilitava que emergissem aspectos que eram referentes aos outros contextos dos quais ela estava inserida, principalmente quando relacionados à dinâmica do seu campo familiar. Como solicitado por ela, em quase todas as sessões estava presente a família terapêutica. Se estivéssemos na sala com a casinha de bonecas, os membros eram usados retratando o cotidiano de uma família com a mãe acordando a filha para tomar café da manhã, almoçar e depois indo brincar, enquanto o pai assistia à televisão. Em todos esses momentos a criança brincava sozinha com suas bonecas ou apenas ficava usando o celular.

A partir das suas experiências e na relação com os membros dos campos com os quais interage, a criança vai construindo seu autoconceito ao longo do crescimento. Na relação com pessoas que lhes são importantes, como no caso dos pais, ela vai recebendo mensagens sobre si que vão sendo introjetadas ao longo do tempo (RANALDI, 2010). Ao considerar as formas de se expressar de Sol, podemos pensar que com base em seu meio familiar ela passou a introjetar modos de se relacionar que foram, conseqüentemente, transferidas também para seus outros contextos. Com isso, supomos que Sol desenvolveu determinadas formas de responder às situações do campo e consigo que podem acabar por dificultar uma relação plena e genuína com o mundo.

Segundo Aguiar (2015), esses modos de interação podem ser chamados de mecanismos evitativos. Nesse caso, destaca-se o mecanismo de deflexão que consiste em um processo pelo qual a criança evita entrar diretamente em contato com o ambiente, seja pela contenção gradual ou por meio da mobilização excessiva de descarga de energia, com o intuito de amenizar a tensão e ansiedade geradas no encontro (ANTONY, 2006). Frente às demandas e exigências do meio, Sol passou a perceber o outro com desconfiança, como alguém que vai cobrar e indicar uma determinada forma de agir, assim, adquiriu como modo de defesa uma maneira mais agitada e diretiva na postura e na hora de falar, como exemplo, o seu comportamento mais opositivo na escola com a professora e os colegas de classe. Em contra partida, com medo de ser punida, quando questionada a respeito desses comportamentos, ela se mostrava desatenta, desviava o olhar ou ia em direção à outra atividade.

Com base na visão de homem defendida pela GT, podemos assim considerar a criança como ser em sua totalidade, incluída no mundo e em constante processo de crescimento mediante a relação que estabelece com ele, no qual ao mesmo tempo em que o influencia, também é influenciada. Como cada campo possui a sua singularidade, da mesma forma cada criança deve ser vista como um ser único e singular que se desenvolve nas várias possibilidades de interação delas com o ambiente. O sintoma é apenas uma parte que se mostra como figura, o modo como a criança conseguiu lidar com as exigências do meio em seu movimento constante de autorregulação, que pode ou não ter sido estabelecido de maneira satisfatória, mas que foi a melhor forma possível que ela conseguiu para lidar com determinada situação.

Assim, o psicoterapeuta trabalha com o que é colocado pela criança durante as sessões, no espaço da clínica, que pode ou não ser expresso de maneira diretamente clara com

a queixa que a trouxe até ali, sem deixar de levar em consideração o todo que naquele momento a constitui. Dessa forma, ao pensar em um processo de compreensão diagnóstica, percebemos a relevância do movimento inicial de investigação, obtendo informações que nos possibilitam ter um panorama geral do ser criança que ali se apresenta no aqui e agora.

Com isso, a partir de uma perspectiva de abordagem dialógica, devemos estar prontos para receber a criança com interesse autêntico por aquilo que ela nos traz, desenvolvendo uma relação de diálogo de pessoa a pessoa, respeitando seu ritmo, seu fluir e a sua espontaneidade. Como salientado por Antony (2010), é a partir de uma presença consciente, verdadeira e confirmadora que se faz possível a construção de uma relação sólida, na qual terapeuta e cliente podem sentir-se mutuamente seguros e confiantes. Uma boa relação é a base para o desenvolvimento da terapia.

Mediante essa observação, destaco aqui a minha relação com Sol. Inicialmente o nosso contato foi agradável e dinâmico, sendo os primeiros encontros, apesar de agitados, bem interativos. Consegui recebê-la pronta para o que poderia acontecer, deixando-a a vontade para brincar e explorar os jogos ou atividades que eram propostas e estavam dispostas pela sala. Era ela quem ditava o caminho a percorrer durante a sessão. Porém, confesso que em alguns momentos, por ser introspectiva, comecei a me sentir incomodada com o seu ritmo agitado e tanto impulsivo. Queria contê-la, levar atividades estruturadas que pudessem ocupar todo o tempo da sessão. Apesar disso, a partir das discussões em supervisão e da terapia pessoal, percebi que essa era uma necessidade minha, queria controlar e ter um plano de ação mais ou menos estruturado que pudesse me dar um pouco mais de segurança.

Apesar do meu incômodo, em nenhum momento tentei limitar o espaço ou impor a realização das atividades. Entretanto, reconheço a importância de se manter uma postura de aceitação e confirmação diante da criança. Aguiar (2015) elucida que o terapeuta com o propósito de manter uma postura verdadeiramente fenomenológica na relação terapêutica, no sentido de que a terapia não se torne recreativa ou educativa, deve estar atento à possibilidade de suspender o juízo de valores. Precisamos ter cuidado para que os sentimentos que a criança nos causa, por qualquer tipo de reconhecimento ou aversão, não prejudique ou direcione a nossa prática. Dessa forma, ressalto mais uma vez a importância da supervisão e do investimento no próprio processo de psicoterapia.

Ademais, como ressalta Frazão (2015), concebemos o homem como uma totalidade, em um constante processo de crescimento, o que não inclui apenas atenção direcionada aos seus sofrimentos e dificuldades, mas também as suas potencialidades. Assim, nos encontros

com Sol, pude então conhecer uma criança bastante ativa e dinâmica. Curiosa e criativa, buscando explorar sempre o máximo possível dos recursos disponíveis durante as sessões, criando histórias e regras diferentes para cada jogo ou brincadeira, mesmo que inicialmente tenha pedido para que fossem lidas as regras. Com isso, ela transformava a família terapêutica em espectadores do nosso futebol de botão, jogava batalha naval com os números que saiam no dado, que também possibilitava uma amarelinha feita no piso da sala, tudo ao mesmo tempo. Abria todos os potes de tinta ao mesmo tempo e ficava encantada com a mistura das cores, mesmo que logo em seguida quisesse lavar as mãos. Se estivéssemos perto do horário de término da sessão, ela girava os ponteiros do relógio ao contrário, pois assim acreditava que ganharia mais alguns minutos.

Os últimos encontros não tiveram uma frequência determinada devido às ausências de Sol. Alguns dias ela faltava aos atendimentos sem aviso ou justificativa dos pais. Assim, marcávamos então para a semana seguinte. Essas irregularidades nos atendimentos resultaram, ao final do nono encontro, no término do processo terapêutico. Algumas tentativas de contato por telefone foram feitas, mas não obtivemos resposta. Apesar da frustração por imaginar que algo mais poderia ter sido feito, consideramos que cada família tem sua dinâmica, uma demanda que motiva trazer a criança à psicoterapia e do mesmo modo, a escolha do momento em que esta deve terminar.



## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do caso apresentado, pode-se ter uma breve noção do atendimento na clínica infantil com base na Gestalt-terapia, abordagem que tem a relação e a vivência compartilhada entre terapeuta-cliente como um dos principais instrumentos na condução do processo de psicoterapia. Do mesmo modo, ressalto ainda a importância de se considerar esse cliente como um ser no mundo e irremediavelmente ligado a ele, em um constante movimento de retroalimentação, influenciando e sendo influenciado pelo contexto ao qual está inserido. Dessa forma, os atendimentos de Sol também significavam o acompanhamento dos acontecimentos dos seus campos, vivências significativas, através das conversas com sua mãe, Fernanda, e na visita e entrevista com sua professora.

A escolha da família pela interrupção nos atendimentos me provocou um sentimento de insatisfação, uma vez que após começar o processo de aproximação com a criança, não foi possível marcar uma sessão de fechamento. Do mesmo modo, fica a sensação de que algo mais poderia ter sido feito para contribuir na construção e fortalecimento de mecanismos mais satisfatórios de lidar com as demandas existentes nos contextos que Sol frequentava, bem como uma maior participação da família durante o processo. Também acentuo que poderia se levantar mais informações para reflexão sobre Sol, sua família e as demandas trazidas para os atendimentos.

Entretanto, a oportunidade de ter construído durante os atendimentos um espaço de acolhimento e aceitação do seu ser criança, pode ser levada em consideração como algo significativo. Dessa forma, mesmo que seus diferentes campos vivenciais se mostrassem pouco facilitadores e acolhedores, ela teve na experiência da psicoterapia possibilidade de um tipo diferente de relação, respeitando seus limites e a espontaneidade do seu agir. Além disso, esse era um dos poucos espaços que tinha para brincar e se expressar livremente, da forma em que se apresentava no aqui e agora, um espaço a ser protegido como seu, longe das expectativas e exigências do mundo adulto.

Quanto à experiência do Estágio Supervisionado, destaco a possibilidade de uma vivência enriquecedora diante da prática clínica com crianças e do contato com uma abordagem que mais do que técnica, é e se dá por meio da relação, respeitando a singularidade e potencialidades de cada cliente, bem como do terapeuta que vai se descobrindo a cada novo atendimento. Não existe fórmula ou modelo tão completo que seja o suficiente para o que acontece no campo, no encontro com o outro.

## 9 REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2015.

ANTONY, S. A criança em desenvolvimento no mundo: um olhar gestáltico. **Revista IGT na Rede**, v. 3, n.º 4, 2006. Disponível em: [https://www.igt.psc.br/Artigos/a\\_crianca\\_em\\_desenvolvimento\\_um\\_olhar\\_gestaltico.htm](https://www.igt.psc.br/Artigos/a_crianca_em_desenvolvimento_um_olhar_gestaltico.htm)  
Acessado: 2 de março de 2018.

ANTONY, S. Um caminho terapêutico na clínica gestáltica com crianças. In: ANTONY, S. (Org.), **Clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, p. 79-107, 2010.

ANTONY, S. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da Gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. **Estudos e pesquisas em psicologia**, n.º 2, p. 356-375 2009.

CARDELLA, B. H. P. Ajustamento criativo e hierarquia de Valores ou necessidades. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, p. 104-130, 2014.

CAMPOS, B. G.; TOLEDO, T. B. de; FARIA, N. J. de. Clínica gestáltica infantil e integralidade em uma unidade básica de saúde. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v. 17, n.º 1, p. 23-29, 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672011000100005&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672011000100005&script=sci_abstract). Acessado: 07 de Janeiro de 2018.

FERNANDES, M. B. A família como parceira no atendimento gestáltico com crianças. In: ANTONY, S. (Org.). **Clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, p. 177-201, 2010.

FRAZÃO, L. M. Compreensão clínica em Gestalt-terapia: pensamento diagnóstico processual e ajustamentos criativos e disfuncionais. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Org.). **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, p. 83-102, 2015.

JOYCE, P.; SILLS, C. **Técnicas em Gestalt: aconselhamento e psicoterapia**. Petrópolis: Vozes. 2016.

LIZIAS, S. Epistemologia gestáltica e a prática clínica com crianças. In: ANTONY, S. (Org.), **Clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, p. 47-77, 2010.

SOARES, L. A Psicoterapia com a Criança, por um fio. **Revista IGT na Rede**, v. 8, n.º 14, p. 67-78, 2011 Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs/> ISSN 1807-2526. Acessado: 03 de Janeiro de 2018.

OAKLANDER, V. **Descobrimo crianças:** a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980.

RANALDI, C. O árduo caminho de crescimento para a criança tímida. In: ANTONY, S. (Orgs.), **Clínica gestáltica com crianças:** caminhos de crescimento. São Paulo: Summus, p. 123-151, 2010.

RODRIGUES, P.; NUNES, A. Brincar: um olhar gestáltico. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 16, n.º 2, p. 189-198, 2010. Disponível em: <http://132.248.9.34/hevila/Revistadaabordagemgestaltica/2010/vol16/no2/8.pdf>. Acesso em: 29 de Dezembro de 2017.

SILVA, T. R.; GONTIJO, C. S.. A Família e o Desenvolvimento Infantil sob a Ótica da Gestalt-Terapia. **Revista IGT na Rede**, v. 13, n.º 24, p. 15-36, 2016. Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=544>. Acessado: 29 de Dezembro de 2017.

ZANELLA, R. A criança que chega até nós. In: ANTONY, S. (Orgs.), **Clínica gestáltica com crianças:** caminhos de crescimento. São Paulo: Summus, p. 109-122, 2010.